

O Começo: O GRANDE CÂNONE

É importante voltar agora a ideia da Quaresma como peregrinação espiritual, cujo sentido é de nos transferir de um estado espiritual a outro. Muitos ignoram esse objetivo e consideram a Quaresma apenas um período onde "é obrigatório" cumprir um "dever" religioso - a comunhão anual - e onde há restrições alimentares que serão rapidamente substituídas pela liberdade do tempo pascal. E como muitos leigos e padres adotaram essa visão simplista e formalista da Quaresma, seu verdadeiro espírito quase desapareceu da vida.

É urgente cumprir a restauração litúrgica e espiritual da Quaresma, mas ela só pode se realizar se tivermos uma compreensão autêntica do ritmo e da estrutura desse tempo.

No começo da Quaresma, como que para inaugurá-la, encontramos o grande "Cânone penitencial de S. André de Creta", como o diapasão que dará o tom a toda a melodia. Dividido em quatro partes, ele é lido nas grandes Completas, na noite dos quatro primeiros dias da Quaresma. O melhor que pode se dizer é que ele é como uma lamentação penitencial, que nos dá a extensão e a profundidade do pecado, e que sacode a alma de desespero, arrependimento e esperança. Com uma arte excepcional, S. André entremeia a confissão dos pecados e o arrependimento com os grandes temas bíblicos : Adão e Eva, o Paraíso e a Queda, os Patriarcas. Noé e o Dilúvio, David, a Terra Prometida e finalmente Cristo e a Igreja. Os acontecimentos da história santa se revelam como acontecimentos da minha vida; os gestos de Deus no passado, como atos que me concernem, eu e minha salvação; a tragédia do pecado e a traição, como minha tragédia pessoal. Minha vida é mostrada como fazendo parte desta luta gigantesca e universal entre Deus e as potências das trevas que se revoltam contra Ele.

O Cântone começa por essa nota profundamente pessoal:

“Por onde começarei a deplorar as ações da minha vida miserável, Ó Cristo? Quais serão os primeiros tons desse cântico de dor?”.

Um após outro, meus pecados se revelam em sua refúndia com o persistente drama da relação do homem com Deus, a história da queda do homem é a minha história:

“...manchei a vestimenta da minha carne, sujei a imagem e semelhança de Deus,...Deixei em trapos minha veste primitiva que me havia tecido, ó meu Criador, e desde então eis-me jazendo na nudez!...”

Assim, durante quatro noites consecutivas, as nove Odes do Cântone me recontam a história espiritual do mundo, que é também minha história. Eles me confrontam com os fatos e atos decisivos do passado cujo significado, no entanto, é eterno, porque toda alma humana - única e insubstituível - atravessa, por assim dizer, o mesmo drama, descobre a mesma realidade suprema.

Os exemplos escriturários são muito mais do que simples "alegorias", como pensam muitos, que conseqüentemente consideram o Cântone carregado

demais. Porque, perguntam, falar de Caim, Abel, David e Salomão, quando seria tão mais simples dizer: Pequei? Mas o que eles não compreendem é que a palavra "pecado" tem, na tradição bíblica e cristã, uma profundidade e densidade que o homem moderno é incapaz de compreender e que faz da confissão de seus pecados algo muito diferente do verdadeiro arrependimento cristão. A cultura em que vivemos e que modela a nossa visão do mundo, na verdade exclui a noção de pecado. Porque se o pecado é antes de tudo a queda do homem de uma altura eminentemente elevada, a rejeição pelo homem desta "alta-vocação", que significa ter a noção de uma cultura que ignora e nega essa "altura" e essa "vocação", que define o homem "por baixo", uma cultura que, mesmo quando não nega Deus abertamente, é de fato totalmente materialista, ignorando a vocação transcendente do homem? Neste contexto, o pecado é visto como fraqueza natural, fruto de uma "inadaptação" com raízes sociais e que pode ser eliminado por uma melhor organização econômica e social. É por isso que o homem moderno, mesmo quando confessa seus pecados, não se arrepende mais; do jeito que ele compreende a religião, ou divide seus "problemas" com o confessor, esperando da religião um tratamento terapêutico. Mas em nenhum caso o arrependimento é o choque que o homem toma ao ver em si mesmo "a imagem da glória inefável", apercebendo-se de que sujou-a, rejeitou-a e traiu-a na sua vida; em nenhum caso, trata-se um lamento que soa no mais profundo da consciência humana, em nenhum caso é um desejo de retorno, um abandono ao amor e a misericórdia de Deus. Assim, não basta dizer "eu pequei"; esta confissão só tem sentido se o pecado é compreendido e vivido em toda a sua profundidade e tristeza.

E justamente o papel do Grande Cânone revelar-nos o pecado, e conduzir-nos assim ao arrependimento; isto não por definições e enumerações, mas por uma profunda meditação na história bíblica que é, de fato, a história do pecado, do arrependimento e do perdão. Essa meditação nos introduz em um mundo espiritual diferente; propõe-nos uma outra visão do homem, de sua vida, objetivos e motivações. Ela restabelece em nós a armadura espiritual fundamental, no interior da qual o arrependimento tornasse novamente possível.

Quando por exemplo, nós escutamos:

“Não imitei a injustiça de Abel, ó Jesus: e não te ofereci dons agradáveis, nem nenhuma obra de Deus, nem sacrifícios puros, nem uma vida irrepreensível...”

compreendemos que a história do primeiro, mencionada tão brevemente na Bíblia, nos revela algo essencial sobre nossa própria vida e sobre o próprio homem. Compreendemos que o pecado é de tudo a recusa da vida, enquanto oferta e sacrifício a Deus ou, em outras palavras, a recusa da orientação divina da vida: compreendemos que o pecado é, então, em suas raízes, o desvio de nosso amor para longe de seu Fim supremo. E essa revelação que nos permite então dizer:

“Enchendo de vida o pó, tu me concedeste, ó Criador, carne e ossos, e Tu me animaste de um fôlego de vida:

Hoje, Ó meu Redentor e meu Juiz, aceita minha penitência"

Para se entender bem o Grande Cânone, é preciso ter certa compreensão da Bíblia, e aderir a meditação que ele nos proporciona sobre o sentido que esta Bíblia tem para nós. Se hoje em dias muitos a acham chata e sem interesse, é porque sua fé não é alimentada pela fonte das santas Escrituras que, para os Padres da Igreja, era a fonte da fé. Devemos reaprender a penetrar no mundo tal como a Bíblia o revela, e também reaprender como viver nele; não há melhor via para entrar neste mundo do que a Liturgia da Igreja que não somente nos transmite os ensinamentos bíblicos, mas juntamente nos revela o modo bíblico de viver.

A viagem da Quaresma começa então por um retorno ao "Ponto de Partida"; o mundo da Criação, da Queda, da Redenção, o mundo no qual tudo fala de Deus, reflete sua glória, onde todos os fatos existem com relação a Deus e onde o homem encontra a verdadeira dimensão de sua vida, e tendo-a encontrado, arrepende-se.

OS SABADOS DA QUARESMA

Os Padres comparam a Quaresma aos 40 anos do povo eleito no deserto. Pela Bíblia, sabemos como para salvar seu povo do desespero e para revelar seu desígnio, Deus realizou muitos prodígios durante esta viagem; os Padres explicam a Quaresma em analogia com este fato.

O destino final da Quaresma é a Páscoa, a Terra Prometida do Reino de Deus; e, entretanto, o fim de cada semana nos reserva uma "paragem", que é como uma antecipação desse fim. São os dois dias eucarísticos, o sábado e o domingo que, na viagem espiritual da Quaresma, adquirem um significado particular.

Primeiro o Sábado. Sua ordenação litúrgica na nossa Tradição, e a ausência das características da Quaresma neste dia, requerem alguma explicação. Do ponto de vista das "rubricas", o sábado é um dia não de jejum, mas de festa, porque Deus mesmo o instituiu como festa "E abençoou o dia sétimo, e o santificou, porque nele, descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera". (Gen.2,3) . Não se pode abolir o que Deus estabeleceu. Muitos pensam que a instituição divina do Sábado foi simplesmente transferida para o domingo, que tornou-se então o dia de repouso ou Sabbat. Porém, não há nada nas Escrituras ou na Tradição que possa sustentar essa crença. Ao contrário, para os Padres e a Tradição Primitiva, lugar do domingo como primeiro e oitavo dia ressalta que ele difere do sábado e, mesmo, de certa forma, se opõe a ele, sendo o sábado para sempre o sétimo dia, bendito e santificado por Deus. É o dia onde a Criação é reconhecida como "muito boa", e essa é seu significado no Antigo Testamento, guardado por Cristo e pela Igreja. o que quer dizer que, apesar do pecado e da queda, a Criação continua sendo a

"boa criação" do Deus, ela guarda essa boa qualidade essencial na qual O Criador só alegrou: "E viu Deus tudo quanto tenha feito, e eis que era muito bom" (Gen. 1, 31) . Guardar o Sábado, conforme seu sentido primitivo, significa então que a vida pode ser cheia de sentido, feliz e criativa; ela

pode ser aquilo para que Deus a fez. E o Sabbat, o dia do repouso, durante o qual nós gozamos os frutos

de nosso trabalho e de nossas atividades, permanece para sempre a benção que Deus dá ao mundo e sua vida. Essa continuidade entre

concepção cristã do Sabbat e a do Antigo Testamento, não somente não exclui mas, de fato, implica também uma descontinuidade.

Em Cristo, em efeito, nada permanece o que era porque tudo se encontra realizado, ultrapassado e revestido de um sentido novo.

O Sabbat é na sua realidade espiritual mais alta, a realização, na textura "deste mundo" da Palavra divina: "E Deus viu que era muito bom", mas "esse mundo" recebe em Cristo uma nova luz e nele torna-se algo novo. Cristo abre ao homem o Reino de Deus, que "não é

deste mundo". E eis aí a brecha que fez "todas as coisas novas". A boa qualidade do mundo e de todas as coisas que ele contém esta agora em relação com seu acabamento final em Deus, com o Reino que há de vir, que será manifestado em toda sua glória apenas após esse mundo ter fim. Além disso, rejeitando Cristo, este mundo afundou-se no mal (cf I Jo 5,19), sob a dominação do "Príncipe deste mundo" e, para ele, a via da salvação não é a da evolução ou do progresso, mas a da cruz, da morte e da ressurreição; "o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer" (I Cor 15,36).

Um cristão vive então uma "vida dupla", não no sentido de uma justaposição de suas atividades "mundanas" e "religiosas", mas no sentido de que ele faz desta vida, em sua totalidade, uma preparação para o Reino, e faz de cada uma de suas ações um sinal, um testemunho e uma espera daquilo que "deve vir". Esse é o sentido do paradoxo aparente do Evangelho: o Reino está "entre nós" e o Reino de Deus está "por vir". A menos que descubramos o Reino no centro da nossa vida, não podemos ver nulo o objeto do amor, da espera e do desejo a que o Evangelho nos convida. Podemos ainda crer na recompensa ou castigo depois da morte, mas não poderíamos compreender a alegria e a intensidade da prece cristã: "Que teu reino Venha"; "Vem, Senhor Jesus' ". Cristo veio para que pudéssemos esperá-lo.

Entrou na vida, no tempo, para que a vida e o tempo possam se

Tornar a passagem, a Páscoa no Reino de Deus".

Tudo isso explica o lugar único do sábado - o sétimo dia na Tradição litúrgica, com seu duplo caráter de dia de festa e dia morte. É uma festa; porque é neste mundo e neste tempo que Cristo venceu a morte e inaugurou seu Reino; e sua encarnação, sua morte e sua ressurreição são a realização da Criação em que, Deus se regozijou, no começo. É um dia de morte porque, na morte de Cristo, o mundo morreu; e sua salvação, sua realização e sua transfiguração estão para além do túmulo, no "mundo que há de vir". Todos os sábados do ano litúrgico recebem seu significado de dois sábados decisivos: o da ressurreição de Lázaro, que ocorreu neste mundo e é o anúncio e a certificação da ressurreição universal; e o do grande e santo sábado de Páscoa, onde a própria morte foi transformada e tornou-se a "passagem" para a vida nova da nova Criação.

Durante a Quaresma, esse alcance do sábado adquire uma intensidade particular, pois o próprio objetivo da Quaresma é precisamente o de reencontrar o sentido cristão do tempo como preparação e peregrinação, reencontrar o

sentido da situação do cristão, que é a de um "estrangeiro", um "exilado" neste mundo (I Pedro 2,11) . Estes sábados põem o esforço da Quaresma em relação com a realização futura e dão assim a Quaresma um ritmo especial. De um lado o sábado da Quaresma é um dia eucarístico, marcado pela celebração da divina liturgia de s. João Crisóstomo, e a eucaristia significa sempre festa. O caráter particular dessa festa, no entanto, é que ela se refere a Quaresma como peregrinação, paciência e esforço e torna-se assim uma "pousada" cujo sentido é o refletir sobre o destino desta viagem. Isso aparece claramente na sequência de epístolas dos sábados da Quaresma que são tirados da Epístola aos Hebreus; a tipologia da história da salvação, da peregrinação, da promessa e da fé nas coisas que há de vir ocupam aí um lugar central.